

Carne Viva

Exposição de Caroline Valansi

Pollyana Quintella

Fiz muitas perguntas diante do trabalho de Caroline Valansi. Dentre elas, algumas persistem: Que mundos estão sendo criados pelos nossos desejos? Como desenhar uma subjetividade mais livre, mais singular? São formulações ambiciosas, mas creio ser através delas que as obras aqui presentes nos esclareçam algumas coisas. Preliminarmente, informam que a sexualidade é uma linguagem que deve ser esgarçada, torcida. E que é possível perseguir o próprio desejo, mas também reinventá-lo, transvê-lo.

Na série *Territórios Escondidos*, quatro cartografias foram realizadas com diferentes pessoas, a partir da palavra *desejo*. Caroline se dispõe a elaborar percursos do/com/para o outro, buscando traçar caminhos de sua singularidade de maneira diagramática, com formas próximas de uma visualidade infantil. Com as cartografias, percebemos que o corpo produz seu próprio léxico e repertório, ora compartilhado, ora particular. Somos obras de nós mesmos, exercitando alguma escrita de si.

Essa série também nos remete a artistas brasileiras de gerações anteriores, como Anna Maria Maiolino e Anna Bella Geiger. Em ambas, o lugar de artista desloca o fazer cartográfico analítico, produzindo aproximações intuitivas. Também poderíamos encarar essas cartografias, no caso de Valansi, como uma prática terapêutica, a partir do encontro com o outro. Importante dizer que essa pesquisa ganhou forma na Casa Jangada, no Rio de Janeiro, que hoje abriga um coletivo clínico de que Caroline faz parte, junto com outros terapeutas, artistas e psiquiatras, buscando estabelecer modos de cuidado. Por esta via, seu trabalho passa a ocupar um entremeio, situação propícia para vivenciar novas metodologias.

Depois, a série *Carne Viva* apresenta formas abstratas de forte contraste que vão aos poucos revelando partes de um corpo interior, como um zoom íntimo. Amarga, áspera, maliciosa, melosa, molhada, embebida, elástica, irrigada, úmida. São muitas as palavras que aparecem nesses impressos, e que performam outra feminilidade, entre o humor e a ironia de um corpo inventado. Se o ser-mulher nos fez crer que haveríamos de escolher entre ser esposa ou puta, competente ou gostosa, madura ou novinha - binarismos que sempre nos mantiveram em débito -, é o alargamento da linguagem que forçará a presença de uma multiplicidade no estar-mulher. Mulher *densa*. Mulher *gelatinosa*.

A sexualidade deve ser tratada com atenção em tempos de grande estresse social, anuncia o trabalho luminoso, em led. Sob muitos esgotamentos, nossos corpos têm respondido com teimosia ao endurecimento do presente. Teimosos são os corpos que *não aguentam mais* e continuam pra lá e pra cá, incessantes. Teimosos esses corpos que dormem, acordam, comem, cagam, trepam e desejam. O que é essa atenção de que fala a frase no trabalho? Acho que essa exposição nos apresenta modos de conhecê-la, exercê-la.